



Sociedade das Ciências Antigas

YEOSCHUAH - GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO

DENTRO DA TRADIÇÃO MARTINISTA

CHRISTIAN REBISSE

Papus teve o cuidado de colocar no timbre dos documentos da Ordem Martinista a expressão padrão: à Glória de Yeoschuah, Grande Arquiteto do Universo. Com isto deu ao Martinismo uma tonalidade especial. É ao próprio Saint-Martin que a Ordem deve, não somente o seu selo, mas também o nome místico do Cristo (יהוה) que orna todos os documentos oficiais do Martinismo – dizia Papus. No entanto, Louis Claude de Saint-Martin nunca usa essa expressão em suas obras. Partindo deste fato, é interessante tentar analisar brevemente a fórmula usada por Papus, tentando considerar os diferentes aspectos que ela evoca na Tradição e, mais especialmente, no Martinismo.

A CABALA CRISTÃ

Segundo a tradição judaica, o nome do Deus Todo-Poderoso se escreve com quatro letras ou um Tetragrama composto das letras Yod, he, Vav e He. No século XV nasceu na Itália uma corrente cabalística especial, a Cabala Cristã. Os Cristãos viam na Cabala um instrumento adequado para demonstrar a veracidade do cristianismo. Para eles, o nome de Deus, antes do cristianismo, fora apresentado como um Tetragrama porque Deus não se havia ainda manifestado totalmente aos homens. Eles consideravam que, com Jesus Cristo, Deus se revelou verdadeiramente, e provavam essa demonstração apoiando-se no nome hebraico de Jesus, Yeoschuah, que escreviam acrescentando a letra Shin no centro do Tetragrama.

No século XV, Pico de la Mirandola se fez promotor dessa teoria que foi popularizada pelo livro de Johann Reuchlin, "De Verbo Mirifico". Papus, que era apaixonado pela Cabala, introduziu no Martinismo do século XX o costume de chamar o Cristo pelo nome de Yeoschuah. Tinha ele consciência das teorias que a Renascença havia associado a esse nome? Não há certeza a este respeito, pois seu livro, "A Cabala, Tradição Secreta do Ocidente", não mostra interesse por esse aspecto da Cabala.

O GRANDE ARQUITETO

Philibert Delorme, falando de Deus em seu tratado de arquitetura, usou em 1567 a seguinte expressão: esse grande arquiteto do Universo, Deus Todo-Poderoso. Parece ter sido o primeiro a usar o conceito de Grande Arquiteto do Universo. Essa idéia de um Deus que ordenou o Universo como um Deus que vem provavelmente dos cabalistas cristãos como François Georges de Venise (cf. De Harmonia Mundi), embora essa noção não esteja ausente dos Evangelhos. Outros depois de Philibert Delorme retomaram essa teoria, notadamente Kepler em sua Astronomia nova. No século XVIII, essa expressão foi adotada pela Franco-Maçonaria, que dela fez um ponto chave de seu simbolismo. O Martinismo nasceu na dependência feudal maçônica do século XVIII; é então normal que nele se encontre a referência ao Grande Arquiteto do Universo. Não obstante, esta expressão toma no Martinismo uma tonalidade particular que merece ser sublinhada.

Contrariamente a certas tradições que associam o Grande Arquiteto do Universo a Deus, no Martinismo e mais particularmente entre Martinez de Pasqually e seus discípulos, é ao Cristo que

essa denominação se refere. A expressão Grande Arquiteto do Universo não aparece no célebre tratado de Martínez, mas é encontrada nos rituais e "catecismos" da Ordem dos Elu Cohen. Cabe salientarmos que, para o autor de "Tratado da Reintegração dos Seres Criados", O Cristo não é Deus no sentido específico que lhe atribui a teologia cristã. Com efeito, Martínez de Pasqually tinha uma concepção particular da natureza do Cristo.

L'ANGELOS-CHRISTOS

Martínez qualifica o Cristo como Espírito duplamente forte e o classifica numa das quatro categorias dos primeiros seres emanados, a dos espíritos octonários. Lendo Martínez, podemos nos perguntar se o Cristo não constitui por si só a categoria que ele chama de espíritos octonários. Essa postura que faz do Cristo uma espécie de anjo superior não é uma inovação. Origina-se no Cristianismo primitivo. Com efeito, se estudamos a história do cristianismo e, mais particularmente, o que concerne à Cristologia, logo constatamos que os primeiros cristãos não viam no Cristo o próprio Deus encarnando-se no mundo. Em compensação, pode-se constatar que o conceito de um Anjo-Messias, de um Angelos-Christos, domina o pensamento do cristianismo até a segunda metade do século II. Na literatura cristã dos primeiros séculos, o Cristo recebe às vezes o qualificativo de anjo e os Pais da Igreja lhe dão o título de Anjo do Grande Conselho, um conceito emprestado de Isaías. É preciso enfatizar que as divergências de opinião dos primeiros cristãos quanto à natureza do Cristo eram importantes e deram lugar a numerosas controvérsias. Foi somente no século IV, com o Concílio de Nicéia, que o dogma da divindade do Cristo foi imposto a todos os cristãos.

OS NOMES DO CRISTO

Para designar o Cristo, Martínez usava diversos nomes, cada qual sublinhando um aspecto do mistério divino. Às vezes chama-o de O Messias, nome que Ronsard tinha empregado alguns séculos antes. Por vezes, como Bossuet, Pascal ou Corneille, ele o chama de O Reparador. Usa também os termos, A Sabedoria, para designar o Cristo. Essas diversas expressões vêm a ser igualmente empregadas pelos discípulos de Martínez, quer se trate de Louis Claude de Saint-Martin, de Jean Baptiste Willermoz, ou dos outros.

O nome mais enigmático que usa para designar o Cristo é o de Heli. Segundo Martínez, este nome significa força de Deus e receptáculo da Divindade. O que Martínez pretende enfatizar aqui é que o Cristo não é tão-somente um personagem nascido há cerca de dois mil anos mas que ele é antes de tudo o Eleito Universal, isto é, um ser que foi escolhido para cumprir diversas missões. Para ele, esse Eleito Universal se encarnou em vários momentos da história, para guiar a humanidade. Esta maneira de considerar o Cristo como um profeta, um enviado de Deus, era corrente no cristianismo judaico. Ela é reencontrada, por exemplo, nas Homilias Clementinas, que falam do Cristo como Verus Propheta, um enviado que veio várias vezes de Adão a Jesus, passando por Moisés, para guiar a humanidade.

O MESSIAS RECORRENTE

Segundo Martínez de Pasqually, Heli, ou seja, o Cristo, manifestou-se através dos profetas, dos guias da humanidade, daqueles que são chamados de Os Eleitos. Dentre eles, Martínez indica: Abel, Enoque, Noé, Melquisedek, José, Moisés, Davi, Salomão, Zorobabel e Jesus Cristo, todos canais de manifestação de Heli. Não obstante, considera que foi através de Jesus Cristo que Heli se manifestou em sua maior glória.

Este aspecto particular dos ensinamentos de Martínez está relativamente consoante com os dos cristãos judaicos, os primeiros cristãos. Nessa época, a natureza do Cristo ainda não tinha sido objeto de dogma. Alguns o consideravam como um anjo, outros como um profeta e, outros ainda, como o Messias. De fato, os primeiros cristãos estavam mais preocupados com a mensagem do

Cristo do que com o fato de construírem teorias intelectuais sobre os mistérios da natureza de Deus. O Cristo era então considerado como um enviado do Pai, mas geralmente não era assimilado a Deus. Mais uma vez é às concepções do cristianismo primitivo que Martinez se liga. A idéia por ele adotada do Cristo como um enviado que veio várias vezes e com diferentes nomes, para guiar a humanidade errante, é particularmente interessante. Se ela fosse estendida ao conjunto das religiões, poder-se-ia dizer que foi o mesmo Deus que se manifestou nos guias que estão na origem de todas as religiões e que, assim, sob aspectos aparentemente diferentes, é uma mesma luz que brilha.

O ORGANIZADOR DO CAOS

Segundo Martines de Pasqually, a primeira intervenção do Cristo na história remonta à própria origem do mundo, no momento em que a criação ainda estava em estado de Caos. Como indica o Tratado, o mundo material foi criado pelos espíritos ternários, agindo sob as ordens de Deus. De seu trabalho nasceu um mundo ainda em estado de Caos. A primeira missão de Heli, consistiu em pôr em ordem esse Caos inicial. Foi a descida do Cristo ao próprio seio desse Caos que organizou a Criação e deu nascimento ao mundo material. Neste sentido, pode-se dizer que o Cristo foi o Arquiteto da Criação, o Verbo organizador. Era desse modo que Martinez de Pasqually, assim como Louis Claude de Saint-Martin e Jean Baptiste Willermoz, viam a função essencial do Cristo enquanto Grande Arquiteto do Universo.

O INSTRUTOR

Em seu Tratado da Reintegração dos Seres Criados, Martinez nos indica que Adão, após a queda, tomou consciência do seu erro e implorou o perdão divino. Dada sua sinceridade, Deus enviou Heli para o "reconciliar". Estando no entanto Adão encarnado no mundo da matéria, devia receber um ensinamento sobre a maneira de levar de então em diante uma vida consoante com a sua missão. Sua posição no mundo material o impedia de usar as faculdades espirituais de que fora outrora dotado. Heli foi então encarregado de transmitir aos homens um novo ensinamento. Seth, o terceiro filho de Adão, foi escolhido para receber esses conhecimentos secretos que, depois dele, foram transmitidos de geração a geração aos Homens de Desejo.

O REPARADOR

Numerosos Elus guiaram a humanidade desde Adão até os nossos dias, cada qual trazendo uma mensagem e um ensinamento apropriados para o adiantamento da humanidade. Entretanto, segundo a Tradição Martinista, o homem só pode ter acesso a certo estágio de evolução espiritual a partir da vinda do Cristo. Com efeito, a missão do Cristo foi, não de salvar os homens, mas de abrir o canal cósmico que permitiria à humanidade transpor certas esferas espirituais até então inacessíveis. Se o Cristo abriu o caminho, cabe ao ser humano trilhar essa senda. O Cristo não salvou a humanidade fazendo o trabalho em seu lugar, mas abrindo-lhe um caminho e mostrando-lhe como trilhá-lo.

Para abrir esse caminho, a missão do Cristo com sua encarnação foi a de um Reparador. Ele efetivamente fez um trabalho de reparação da Criação. E operou essa recolocação em ordem de purificação da Criação. E operou essa recolocação em ordem em dois níveis da Criação universal: no mundo terrestre e na imensidão celeste. No tocante ao plano terrestre, regenerou as três bases constitutivas do mundo material: o enxofre, o sal e o mercúrio, lavando-os de suas escórias. No mundo celeste, regenerou os sete pilares do Templo universal. Esses pilares são os sete planetas do mundo celeste pelos quais fluem no mundo temporal as virtudes divinas. Essa regeneração das sete fontes da vida foi efetivada em Pentecostes, isto é, sete semanas, ou seja, quarenta e nove dias após a Páscoa. Então, diz-nos Saint-Martin, "abriu-se uma quinquagésima porta, da qual todos os escravos esperavam sua libertação, e que se abrirá de novo no fim dos tempos".

O RECONCILIADOR

Após termos evocado a função "reparadora" Cristo, vejamos o que caracteriza sua função de Reconciliador. A reconciliação é a etapa preliminar que cada ser humano deve transpor individualmente em sua evolução para a reintegração que será a etapa final da evolução coletiva da humanidade. Segundo Saint-Martin, nesse processo de regeneração o homem vive uma experiência interior importante, na qual reencontra o Cristo. O Cristo é na realidade o intermediário cósmico indispensável a esse processo de regeneração. É por esta razão que a Tradição Martinista fala dele como o Reconciliador.

Saint-Martin exprimiu essa idéia de maneira velada em muitas de suas obras. Por exemplo, em "Dos Erros e da Verdade", quando afirma que a oitava página do Livro do Homem "trata do número temporal daquele que é o único apoio, a única força e a única esperança do homem".

A IMITAÇÃO DO CRISTO

Com sua missão, o Cristo não apenas cumpriu uma purificação, abriu uma senda. Mostrou também ao homem o caminho a seguir para ter acesso à regeneração mística. Com sua encarnação, quis pintar para o homem sua própria situação, traçar-lhe toda a história do seu ser e o caminho de retorno ao Divino. Para Saint-Martin, o processo da regeneração mística passa por uma imitação interior da vida do Cristo. Em seu livro "O Novo Homem", ele expõe as etapas desse processo desde a Anunciação até a Ressurreição, isto é, desde a visita do anjo, o amigo fiel que nos revela o nascimento próximo de um novo homem em nós, até a reconquista do nosso corpo glorioso, que marca o começo de nossa ascensão às esferas superiores onde nossa regeneração deve encontrar seu coroamento.

Os diversos eventos da vida do Cristo são os arquétipos que simbolizam as diversas etapas espirituais que podemos viver interiormente incorporando-nos ao corpo místico do Cristo. Segundo o Filósofo Desconhecido, o término dessa regeneração levará o ser humano para além do Cristo, pois ele é chamado a uma missão maior que a do próprio Cristo.

FIM